

*cadernos*  
**de estudos**  
*leirrienses*

11

LEIRIA  
DEZEMBRO DE 2016





**Título:** CADERNOS DE ESTUDOS LEIRIENSES – 11

**Editor:** Carlos Fernandes

**Coordenador Científico:** Saul António Gomes

(Professor Associado com Agregação do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

**Conselho Consultivo:** Isabel Xavier, J. Pedro Tavares, Luciano Coelho Cristino, Mário Rui Simões Rodrigues, Miguel Portela, Pedro Redol e Ricardo Charters d’Azevedo

**Concepção e arranjo da capa:** Gonçalo Fernandes

**Colecção:** CADERNOS – 11

©Textiverso

Rua António Augusto da Costa, 4  
Leiria Gare  
2415-398 LEIRIA - PORTUGAL  
E-mail: [textiverso@sapo.pt](mailto:textiverso@sapo.pt)  
Site: [www.textiverso.com](http://www.textiverso.com)

Revisão e coordenação editorial: Textiverso

Montagem e concepção gráfica: Textiverso

Impressão: Artipol

1.ª edição: Dezembro 2016

Edição 1185/16

Depósito Legal: 384489/14

ISSN 2183-4350

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

## A misteriosa história duma misteriosa mulher

José d'Encarnação\*

### 1. O 'eterno' artifício literário

«Tantas voltas dei que a base do cofre deslizou um pouco, permitindo-me corrê-la, não totalmente, mas de maneira a deixar-me meter um dedo e retirar um maço de folhas. Espantoso: havia ali espaço exactamente para trinta, dobradas em quatro partes, acamadas e distribuídas por toda a base.

Trinta folhas de papel almaço branco, marcado a água com o que me parecia ser um brasão. Desdobrei, uma, outra, quase todas. Estavam escritas a tinta violeta. Um pouco esmaecida pelo passar dos anos somados a fazer dois séculos, numa caligrafia de diferentes formas, indicando assim mudanças na idade e nos estados de espírito de quem as escrevera».

Misterioso impulso a seduzira a licitar aquele cofre «de prata lavrada e cinzelada com quatro painéis de esmalte policromo», no leilão de conhecido antiquário lisboeta em Janeiro de 2000. Estava a descobrir agora o secreto motivo da sedução: toda a história de uma família nobre do século XVIII e o cofre, milagrosamente salvo do terramoto de 1755, fora parar às mãos de uma família judia que, em Abril de 1942, se viu forçada a vendê-lo, para pagar a viagem de fuga para os Estados Unidos. Nessas trinta folhas de papel almaço branco estava a história toda, com incríveis pormenores sobre os horrores do terramoto. E, claro, Júlia Néry não esteve com meias-medidas: foram elas a inspiração do seu romance, quase um diário, *O Segredo Perdido* (Bertrand, Lisboa, 2005).

Estratagemas antigos e actuais: o teu romance não foste tu quem o inventou, descobriste-o em velho cartapácio, amarelecido pelo tempo em escuso

---

\* Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Jubilado.

recanto de um mosteiro qualquer... Um tal de Pantaleão escreveu o *Itinerário de Terra Santa*; Fernando Campos partiu daí e criou o enredo d' "A Casa do Pó"; encontrou Dan Brown uma narrativa antiga e dela saiu 'O Código Da Vinci'. Como escreveu um crítico: «Dan Brown emprega a velha fórmula de encher páginas com uma informação aparente que, na realidade, não tem nenhuma base histórica, artística ou religiosa»...

## 2. O exemplo de André de Resende e a razão deste artigo

Precisava André de Resende de justificar a excelência da sua terra natal, Évora. Fê-la quartel-general de Sertório, romano ilustrado e valente que bem atrapalhou os Romanos. Na cidade tinha o general a sua casa; na cidade haviam vivido os mais célebres magistrados lusitanos, como, a título de exemplo, um tal Quinto Cecílio Volusiano, prefeito da I coorte de cidadãos romanos, que em Évora, pelos seus méritos, teve erguida estátua. Curiosamente, André de Resende conta que os pedreiros já a tinham partido para a incorporar na parede da igreja da Graça, ele terá conseguido recuperar uma parte e hoje, curiosamente, o monumento de bom mármore de Estremoz / Vila Viçosa está patente no Museu de Évora, com pretensas falhas de texto pelo meio, obtidas por martelamento, mas Diogo Mendes de Vasconcelos, fiel discípulo do caro Mestre e seu continuador, consegue sugerir qual teria sido o texto completo (1783, p. 79 – Fig. 1) que, por sinal, não corresponde exactamente ao que na actual pedra se lê (Fig. 2).<sup>1</sup>

Idêntico procedimento preconizo eu que foi utilizado para a maior parte – se não para a totalidade – das epígrafes em que André de Resende se baseia para enaltecer Évora, sabiamente colhendo locuções epigráficas e nomes em *corpora* epigráficos a que teve acesso, como creio já ter tido ocasião de cabalmente demonstrar (1998).

---

<sup>1</sup> Aproveito o ensejo para esclarecer que nem todas as inscrições inautênticas que se mostram no Museu Regional de Évora se devem, sem mais, atribuir à 'equipa' de André de Resende, ainda que Hübner saliente «quanto lhe agradavam as tentativas práticas de epigrafia» (1871, p. 46). Nesse mesmo relatório, na p. 43, Hübner explica que há notícia de que a dedicatória de Lúnia Donace a I. O. M. (CIL II 12\*) estava com a de *Flavia Rufina* (IRCP 183) «e mais outras quatro, na igreja de Santa Maria do Sadão. Foi depois, em 1605, gravada em lápide e levada para a casa da Câmara d'Évora». Essas gravações posteriores explicam as divergências de paginação e mesmo deficiências de cópia. Veja-se também, a esse propósito, o que pondera Hübner, no mesmo relatório, na p. 44, acerca da referida epígrafe dedicada aos Lares «pro salute et incolumitate» de Sertório (CIL II 12\*).

**Q. CICILIO. VOLVS.  
PRAEF. COH. I. C. R.  
SEX. PROVOC. VICTORI.  
DONIS. DONATO. AB. IMP.  
SVIS. II. HAST. PVR. III. VEX.  
II. CIVIC. I. MVR. IIII. OBSIDION.  
OMNIE. H. IN. R. P. SVA. FVNG.  
EBORENS. CIVI. OPT.  
OB. MERITA. EIVS. IN. MVNIC.  
STATVAM. MARMOR. BASI  
AENEA. E. D. D.**

Fig. 1 – Epígrafe totalmente reconstituída por Mendes de Vasconcelos

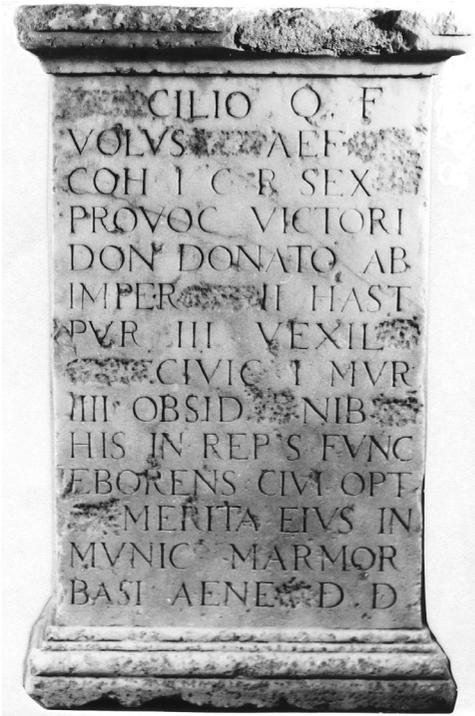


Fig. 2 – A epígrafe da Fig. 1, como se mostra no Museu Regional de Évora

A razão de se falar deste artifício literário usado pelos escritores de hoje e de antanho (André de Resende, em vez de manuscritos, preferiu as pedras escritas cujo poder probatório era, naturalmente, mais evidente) prende-se com o facto de – para justificar a existência real de uma famosa sacerdotisa de Évora, Labéria Gala, que seus libertos haviam honrado com uma lápida,<sup>2</sup> se ter achado na obrigação de recorrer à seguinte argumentação, que transcrevo de Diogo Mendes de Vasconcelos:

«A qual se finou no lugar de Collipo, de cujas ruínas parece que foi fundada a Cidade de Leiria, para onde foram traslados alguns mármores, como em seu lugar diremos, entre os quais se vê o epitáfio desta Labéria, na esquina da Igreja de S. Estêvão, à parte esquerda da porta principal, por esta maneira [e transcreve o texto]» (p. 71).

Defendo que a citada inscrição de Évora foi mandada lavrar por André de Resende. Teve Carlos Fabião a gentileza

<sup>2</sup> Permita-se-me que remeta para o estudo apresentado em Bertinoro (2014), onde procuro dar por menorizada circunstância do ocorrido assim como da argumentação aduzida para não aceitar como autêntica a inscrição de Évora.

za de me dar a conhecer, mesmo antes da publicação do seu texto (2014), o documento que prova que, na verdade, a epígrafe existiu, no sítio em que André de Resende indicou: «em casa do capitão de ginetes, por peitoril de uma janela». Muitos viajantes interessados nas antiguidades romanas tiveram, pois, a oportunidade de a ver, desde o século XVI até ao século XVIII, em que, como Carlos Fabião documentou, devido à perseguição aos Távoras, se martelou o brasão do Conde de Santa Cruz, D. Martinho Mascarenhas (1740-1804)... e, ao mesmo tempo, a memória da famosa sacerdotisa.

A questão, pois, que se põe é se o artifício literário de André de Resende se estendeu também à epígrafe de Leiria. Embora haja quem opine o contrário, creio que, hoje, muitos investigadores me acompanham na opinião de que foi forjada a inscrição de Évora; o que, até mui recentemente, ainda se não pusera em dúvida é a real existência do monumento de Leiria.<sup>3</sup>

Abordei o tema na comunicação que fiz em Bertinoro, em 2013; mantenho a opinião de que se trata de mais uma invenção e, conhecendo essa minha posição, solicitou-me amavelmente o Dr. Carlos Fernandes que apresentasse nos *Cadernos Leirienses* os argumentos que então aduzi. Faço-o com todo o gosto.<sup>4</sup>

### **3. Esteve uma inscrição romana na igreja de Santo Estêvão?**

Primeiro ponto a considerar e que se dá por assente: muitas pedras usadas nas construções da cidade de Leiria se terão ido, naturalmente, buscar aos vizinhos terrenos de S. Sebastião do Freixo, onde se considera ter existido a cidade romana de *Collipo*.<sup>5</sup> Estavam ali à mão de semear mármore, colunas, silhares e muitas outras pedras lavradas, não havia a consciência que hoje temos da importância documental e histórica que poderiam ter e... seguiu-se um procedimento normal, a que, aliás, os próprios Papas da Renascença não hesitaram em lançar mão, retirando dos antigos monumen-

---

<sup>3</sup> João Pedro Bernardes (2007, p. 208-209), por exemplo, além de não ver motivo para ter como falsa a epígrafe de Évora (CIL II 114), estuda exaustivamente a epígrafe de Leiria, considerando-a, portanto, autêntica, repetindo, a propósito do seu desaparecimento, que ele se terá dado «eventualmente quando a igreja foi reconstruída ainda no século XVI» (p. 208, nota 11).

<sup>4</sup> Reestruturei, em função do novo objectivo, o que então publiquei; manteve, no entanto, praticamente intacta a parte a que atribuí agora o nº 4, por expressamente se referir a Leiria.

<sup>5</sup> Cumpre dar conta dos trabalhos arqueológicos aí levados a efeito pela equipa de Coimbra orientada por João Manuel Bairrão Oleiro e Jorge de Alarcão (cf. OLEIRO 1969).

tos romanos os materiais de construção que facilmente poderiam ser utilizados em novas basílicas e palácios. Essa reutilização é vulgar e não há que repreendê-la, mas sim tê-la em conta.

Nada mais natural, portanto, que uma pedra com alguma volumetria, como deveria ter sido a que continha o epitáfio laudatório da flamínia, houvesse sido aproveitada para cunhal da igreja de S. Estêvão, deixando o lereiro para o lado de fora, como em muitos outros casos sucede, não porque os obreiros tenham consciência do que lá está escrito mas simplesmente porque... algo lá está escrito e há sempre algum respeito por essas pedras com letras.

Consultando a página da Câmara Municipal de Leiria, sob a epígrafe «Convento de Santo Estêvão), lê-se:

«A igreja de Santo Estêvão já se encontrava construída no ano de 1211, centrando-se em outro dos núcleos populacionais importantes da Leiria medieval. Aqui se situava a mouraria e as oficinas dos oleiros, ferreiros e outros mesteres. Um hospital, o Hospital dos Ferreiros, e uma albergaria, foram igualmente implantados neste lugar. O Convento de Santo Estêvão foi recolhimento e colégio de meninas desde o século XVIII até 1926, altura em que passou para o Estado. Actualmente, uma parte é ocupada pelo Posto de Comando da GNR e outra por instalações do Instituto Politécnico de Leiria.»

Aliás, o edifício tem sofrido reconstruções e adaptações ao longo dos tempos e é, de facto, actualmente, sede da Guarda Nacional Republicana – Comando Territorial / Destacamento de Trânsito de Leiria (Largo Santo Estêvão, n.º 13). Uma observação cuidada do local e suas dependências levada a efeito por vários investigadores intrigados com o desaparecimento da lápide, não permitiu identificar, até hoje, qualquer elemento que pudesse ser considerado como a epígrafe descrita.

Um dos maiores estudiosos da epigrafia coliponense foi, sem dúvida, D. Domingos de Pinho Brandão, que esteve como bispo auxiliar de Leiria desde 1966 a 1972, data em que foi nomeado bispo auxiliar do Porto, e que, tanto numa cidade como noutra, se distinguiu unindo ao seu múnus apostólico um acalorado interesse pela História, pela Arte e pela Arqueologia. Assim, deve-se-lhe a criação do Museu Diocesano de Arte Sacra de Leiria e do Museu de Arqueologia e Arte Sacra do Seminário do Porto. Foi nesse âmbito que lançou ombros à elaboração do primeiro *corpus* epigráfico de *Collipo* (1972), onde, obviamente, estuda a inscrição cuja atenção ora nos prende e sobre a qual se interroga:

«Desconhecemos presentemente o paradeiro da lápide. Terá desaparecido da frontaria da igreja nas obras de reconstrução do templo levadas a efeito no tempo do bispo D. Pedro de Castilho (1583-1604)?» (p. 62).

Não levanta, por conseguinte, qualquer questão acerca da sua inautenticidade, relevando, antes, o elevado interesse histórico que representa para a cidade. Também, confesso, nunca tivemos oportunidade de trocar sobre este tema nenhuma opinião, na medida em que, nesse tempo, as nossas preocupações epigráficas se prendiam, de modo especial, com as inscrições votivas.

Há, pois, que enveredar por três pistas: a primeira, as obras de reconstrução; a segunda, a possibilidade de haver outra notícia da epígrafe; finalmente, se a análise do texto em si nos pode trazer algum dado elucidativo.

### **a) As obras de reconstrução**

Direi, antes de mais, que conheci de sobejo o espírito científico de D. Domingos de Pinho Brandão, com quem – como disse – tive oportunidade de privar. Custa-me, pois, a crer que, para mais ocupando o cargo de bispo auxiliar e tendo elaborado com tanta minúcia o *corpus* atrás referido, não tenha envidado esforços no sentido de saber algo mais sobre uma epígrafe de tamanha importância. Não o refere, limitando-se a um lacónico «Desconhecemos presentemente o paradeiro da lápide», seguido da questão acerca do seu eventual desaparecimento. Deduziria eu daí que nada terá conseguido apurar.

Resta-nos, pois, nesse âmbito, interrogar-nos sobre a personalidade de D. Pedro de Castilho, bispo de Leiria de 1583 a 1607.<sup>6</sup> Formou-se na Universidade de Coimbra em Letras, em Teologia e em Cânones. Empenhou-se nas polémicas que envolveram a subida ao poder de Filipe II de Espanha, teve papel de relevo nas Cortes de Tomar e, como Angra do Heroísmo – de cuja diocese fora nomeado bispo – tomara o partido do Prior do Crato, foi nomeado, em 1583, bispo de Leiria, cargo que exerceu durante 24 anos, até que dele renunciou em 1607.

---

<sup>6</sup> D. Domingos indica a data de 1604 como final do seu bispado; noutras fontes, refere-se, porém, 1607. Não deve confundir-se com o frade do mesmo nome e que também viveu nessa época e ao qual Barbosa Machado se refere na p. 643 da sua *Bibliotheca Lusitana*.

Consta da sua múltipla actividade (nomeadamente a de cariz político) a criação, em 1600, da freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Marinha, hoje Marinha Grande; e, no âmbito de obras na cidade, atribui-se-lhe a renovação do adro da Sé de Leiria, com a sua escadaria ondulada. Nada encontrei, por enquanto, em relação à intervenção na igreja e convento de S. Estêvão.

Ora vejamos: a 1ª edição da *História da Antiguidade da Cidade de Évora* sai dos prelos a 26 de Outubro de 1553. Nada se sabe, por enquanto, a respeito da cronologia das obras e, até, de que tipo de obras se tratou: há quem fale em ‘demolição’; D. Domingos em ‘reconstrução’ – o que pode considerar-se equivalente. Vamos pensar que não teria sido uma das primeiras preocupações do novel bispo e, por isso, uma datação pelo final do século XVI poderá ser verosímil<sup>7</sup> – e aqui fica o desafio aos historiadores leirienses no sentido de, por outras fontes, se saber o que, por essa altura, se passava na cidade. Há, contudo, um dado que reputo sugestivo a ter em conta: afigura-se-me difícil, confesso, dado o perfil erudito e humanista do bispo D. Pedro, que – sabendo, como não podia deixar de saber, da existência da lápide, que estava à vista de todos –, tivesse permitido o seu extravio. Estamos ainda em pleno Renascimento (é de recordar!); as antiguidades romanas são muito prezadas e uma pedra com tantas letras não seria de deitar fora. Dir-se-á: embora bispo de Leiria, Sua Excelência Reverendíssima passava o tempo em Lisboa, como rezam as crónicas, atento ao difícil momento político que se vivia, não tivesse ele sido nomeado desembargador do Paço (1587)...

Este é, por consequência, o meu primeiro argumento a favor da inexistência do letreiro: não parece verosímil que um bispo ilustrado, ele ou algum dos seus mais directos colaboradores, não tivessem diligenciado no sentido de preservar tão precioso monumento, de que poderiam ter ouvido falar, uma vez que a 1.ª edição da *História da Antiguidade da Cidade de Évora* data, como se disse, de 1553, e a 2.ª edição, em que Diogo Mendes de Vasconcelos explicita onde a pedra está, é de... 1576! Era, em meu entender, pouco provável que não fosse conhecida, para mais no meio eclesiástico.

## **b) Há outras notícias da pedra?**

Consultei também Gaspar Barreiros, de que se publica, em 1561, uma corografia da viagem que empreendeu em 1546 e de que deixou apontamen-

---

<sup>7</sup> Araújo (1876) escreve, a propósito do desaparecimento da epigrafe, que ele ocorreu, «sem dúvida entre os anos de 1507 e 1585, em que o templo antigo foi demolido, e edificado o que actualmente existe».

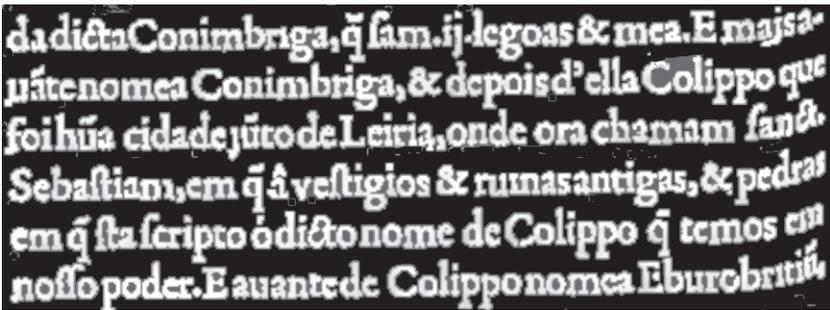


Fig. 3 - Testemunho de Gaspar Barreiros

tos acerca das antigualhas que foi encontrando. Ora, em relação a *Collippo* escreve o seguinte (actualizo a grafia – Fig 3), após se haver referido a *Conimbriga*:

«E depois dela *Colippo*, que foi uma cidade junto de Leiria, onde ora chamam S. Sebastião, em que há vestígios e ruínas antigas, e pedras em que está escrito o dito nome de *Colippo* que temos em nosso poder» (p. 124).

A razão dessa consulta prende-se com o comentário que faz Hübner em relação a essa epígrafe CIL II 339 e que se me afigura deveras sintomático. Reza o seguinte:

«Na folha 50 da *Chor.*, Barreiros não mencionou a inscrição, mas as suas palavras que acima transcrevi não podem entender-se senão em relação a esta epígrafe, dado que, além desta, as duas inscrições que exibem o nome do antigo ópido (n. 340 e 353) somente foram achadas no século XVIII, como assinalou Florez».<sup>8</sup>

Este testemunho acaba por trazer mais um argumento, o segundo, à inexistência real da epígrafe na igreja de S. Estêvão: se estava em poder de Gaspar Barreiros, como poderia estar na esquina do templo? Mas será que era esta a epígrafe que estava em poder de Barreiros? Ou, perguntando doutra forma: estava Gaspar Barreiros em Leiria, para poder ter em sua casa um monumento epigráfico? Que se saiba da biografia do frade, nunca viveu em Leiria e a expressão «que temos em nosso poder» deve entender-se em sentido figurado, como 'notícia', 'informação', pois – se quiséssemos interpretar a sua informação à letra – ele teria em seu poder não uma mas várias

<sup>8</sup> O texto em latim: «Barreiros chor. f. 50 titulum non ascripsit, sed ea quae supra posui eius verba non intellegi posse nisi de hoc titulo, quod duo praeter hunc tituli, qui nomen oppidi antiqui exhibeant (n. 340 et 353) inventi sint saeculo demum XVIII, perspexit Florez».

‘pedras’ em que se lia o nome de *Collipo* ou *Colliponenses*. Ora, que se saiba, para além das outras duas a que Hübner faz referência (CIL II 340 e 353), de nenhuma das estudadas posteriormente<sup>9</sup> há possibilidade de ter estado na posse de Gaspar Barreiros. De resto, CIL II 340 estava, em S. Sebastião do Freixo, «em um canto das casas de Pedro Carreira» e CIL II 353 foi dada a conhecer por Frei Lourenço, que a terá mandado trazer de Salir do Mato e a puseram junto do celeiro do mosteiro de Alcobaça.

Por outro lado, dada a curiosidade de Gaspar Barreiros pelas coisas antigas, estando a epígrafe tão à vista e sendo conhecida, não teria ele feito expressa menção a ela, porquanto também aí claramente estaria o nome do ópido? Aliás, é curioso verificar que Hübner, para justificar a sua hipótese, afirma que, mui provavelmente, Barreiros conseguiu ler a palavra COLLIPONESIVM: «COLLIPONESIVM videtur legisse Barreiros»...

Terceiro argumento: André de Resende escreveu, como se sabe, *De Antiquitatibus Lusitaniae*.<sup>10</sup> No início, ao discutir a grafia latina da palavra, faz singela referência à epígrafe de Labéria Gala, «flamínia da província da Lysitânia»; e acrescenta: «Muito já falámos acerca desta inscrição no opúsculo que em tempos escrevemos em português sobre a antiguidade dos Eborenses» (Fernandes, 1996, p. 72). Não deixa de ser motivo de admiração, a meu ver, esta forma esbelta de se esquivar a dar algo mais, quando o seu argumento imprescindível para autenticar a veracidade do leteiro era a pedra de *Collipo*. De resto, mais adiante, ao referir-se a *Collipo* nada de especial anota e apenas cita, seguindo o *Itinerário de Antonino: Collipo – Leiria ex ruinis* (fol. 254). Se estivesse assim tão convicto da existência aí de um tão valioso documento acerca da ‘sua’ tão prezada flamínia, disse se haveria de esquecer?

Por conseguinte, outras referências à eventual inscrição de Leiria antes de 1576 não se encontram.

### c) As características do texto

O texto indicado por Resende é, desdobrado, como segue:

*Laberiae L(ucii) f(iliae) Gallae / flaminicae Ebo(n)si / flaminicae prov(incia) Lusi(taniae) impensam fune/ris locum sepulturae / et statuum*

---

<sup>9</sup> Cito – à excepção dessas duas – as que Bernardes apresenta: n° 9 (p. 207); n° 26 (p. 220) e n° 27 (p. 221).

<sup>10</sup> Seguimos a edição em boa hora preparada pelo Professor Rosado Fernandes.

*d(ecreto) d(ecurionum) Colli/ppo(n)esium datam L(ucius) / Sulpicius Claudianus / [...]* (CIL II 339).

Formulário aparentemente bem clássico da epigrafia latina, esse que documenta as honras prestadas à sacerdotisa: por decreto dos decurhões coliponenses, correram a expensas da cidade as despesas com o funeral, com a aquisição do lugar para a sepultura e, além disso, sobre a campa se teria erigido estátua em sua memória.

Por sinal, a tradução que Diogo Mendes de Vasconcelos (p. 72) apresenta vai noutra sentido (Fig. 4):

**Quer dizer :**  
*Lucio Sulpicio Claudiano fez ha  
despeza da mortalha, e enterramen-  
to, e impetrou bo lugar da sepulta-  
ra a Laberia Galla filha de Lucio,  
Flaminica de Evora, e Flaminica da  
Luzitania.*

Fig. 4 - Tradução da epígrafe de Colippo, por Mendes de Vasconcelos

Atente-se, porém, no seguinte: Resende dá o texto como inteiro porque ali está tudo aquilo que ao humanista interessava. O nome que surge no final, *L(ucius) Sulpicius Claudianus*, seria, mui naturalmente, o do marido, não sendo de admirar (caso mais texto houvesse) que aí viesse consignada a informação de que ele, contente com a honra, poderia ter chamado a si o pagamento de parte ou da totalidade das despesas, como, de resto, o próprio Hübner sugere: «*maritus fecit honore accepto impensaque remissa*». Resende, porém, nada observa a tal respeito; para ele o que transcreveu é bastante para demonstrar a sua afirmação (p. 28): «[...] Em Leiria está uma pedra que foi trazida da cidade Colipo, que agora é destruída, onde parece que a dita flaminica morreu».

Escrevi que o formulário era «aparentemente» bem clássico. De facto, não se me afigura normal a expressão *flaminicae Eborensi*; o habitual é indicar não a naturalidade, como aqui parece dar a entender-se, mas sim a entidade em que tais funções se exercem. O que seria de esperar era *flaminicae municipii Eborensis*; e aqui afigura-se-me que André de Resende se distraiu e não copiou bem a epígrafe, em que, a meu ver, se inspirou, a de Flávia

Rufina (IRCP 183), que se diz *Emeritensis*, mas que, em relação aos cargos explicita *flaminica provinciae Lusitaniae item coloniae Emeritensis et municipii Salaciensis*... Apeteceria dizer – e o leitor que me desculpe o popular aforismo – «gato escondido com o rabo de fora». Essa distração, até agora (creio) não assinalada, é mais um aspecto a infirmar a veracidade do texto. A que se poderia fazer crescer uma outra: se se tratasse, de facto, de uma flamínia de *Ebora*, primeiro deveria colocar-se o cargo mais importante e depois o outro. Dir-se-á que há *cursus honorum* por ordem directa; mas... seria normal deixar para o fim esse que tamanha importância sociopolítica detém?

Há, porém, uma outra circunstância, a meu ver, mui digna de ser tida em conta: essa terminologia bem latina, deveras, a indiciar forte aculturação levamos a perguntar onde é que André de Resende a foi buscar?

Dir-se-á que estou a ser hipercrítico. Depois de ter comparado (1998, p. 38-51) com outros, autênticos, os muitos textos transcritos na *História da Antiguidade da Cidade de Évora* com os de *corpora* a que seguramente Resende teve acesso, creio que de tal não se poderá acusar-me.

Ora, o caso está em que Sylvie Dardaine cotejou o uso dos formulários aqui usados – *impensam funeris, locum sepulturae et statuam d(ecreto) d(ecurionum) datam* – com o que encontrara em epígrafes romanas peninsulares. E concluiu estar perante uma evidente ‘excepção’ no que concerne à sua distribuição geográfica. Ali, em *Collipo*, nesta zona tão ocidental do *conventus Scallabitanus*, era verdadeiramente singular. Tentou, por isso, desenhar uma explicação que lhe parecesse plausível, ainda que mui cuidada e hipotética:

«En Lusitanie, *Salacia, Pax Iulia, Myrtilis* sont proches de la Bétique; seul Leiria, l’antique *Colippo*, est éloignée de l’atmosphère culturelle de cette province et de ce fait pose un problème. Il est à noter d’ailleurs que la formule finale de l’inscription a été restituée. Mais surtout il existe des liens étroits entre l’inscription de Leiria et la Lusitanie méridionale. *Laberia Galla*, la prêtresse honorée dans cette dédicace, est en fait originaire d’*Ebora* où elle fut flaminique avant d’être flaminique provinciale à Mérida. Par Mérida ou par *Ebora* la diffusion des habitudes épigraphiques de la Bétique se comprend aisément. De plus par son onomastique et par celle de son mari, *Laberia Galla* appartient bien à l’environnement culturel de la Bétique. Les gentilices *Laberius* et *Sulpicius*, le *cognomen Galla* ne sont répandus en Espagne que dans les zones les plus romanisées et donc avec une forte concentration dans la province de Bétique» (1980, p. 41).

Algo de anómalo, portanto; e a explicação era passível de basear-se no facto de estarmos perante uma flamínia provincial, ainda por cima natural de Évora.<sup>11</sup>

Estou perfeitamente de acordo: esta fórmula não é usual na epigrafia da Lusitânia! Apenas, até ao momento, dois exemplos de *Emerita* (HEpOL registos n<sup>os</sup> 20175 e 23225). É que André de Resende a foi buscar, uma vez mais, noutros textos que lhe eram conhecidos. Este, por exemplo, encontrado em Badalona (Barcelona) [CIL II 4611]:

Deis Manibus / C(ai) Picarii C(ai) f(ili) Pub(ilia) Novati / huic ordo B[aj]etulon(ensium) locum / sepulturae eius impensa / funeris publica et omnes / honores dedit C(aius) Picarius / h(oc) m(onumentum) h(eredem) n(on) s(equetur) n(ec) l(ocum) s(epulturae).

Em conclusão:

Pese muito embora o ‘testemunho’ do seguidor de Resende – e sabemos muito bem como tanto ele como, mais tarde, Frei Bernardo de Brito não hesitaram em aduzir provas fictícias para justificar o que o Mestre escrevera... – eu estou em crer que são mais as razões a validar a invenção do que a reforçar a existência!

#### 4. A fama de Labéria Gala

É preciso, porém, acrescentar que a glória de Labéria Gala se manteve, séculos afora, e teve, de modo especial, o maior sucesso essa tradição da existência, em Leiria, da inscrição a uma romana famosa, de nome Labéria.

Por isso, houve mesmo quem proclamasse ter o nome da cidade – *Leiria* – derivado precisamente de... *Laberia*: “Leiria” poderá ter a sua raiz etimológica em Laéria, do antropónimo romano *Laberia Galla*, sacerdotisa romana!...

E até nos concursos literários da cidade, *Laberia Galla* tem sido, por tudo isto, perene fonte de inspiração!<sup>12</sup>

Nos livros que versam sobre o papel da mulher na sociedade e na religião, *Laberia Galla* está sempre bem presente, não levantando dúvidas!

---

<sup>11</sup> Note-se que, na sequência do que se tem escrito, também Sylvie Dardaigne interpreta a palavra *Eborensis* não como indicativa da naturalidade mas sim subentendendo a palavra *municipii*, o que, como disse, se me não afigura viável.

<sup>12</sup> Orlando Cardoso ganhou, em 2007, o 1<sup>o</sup> Prémio de Poesia com o livro *As Uvas de Labéria Gala* (Leiria, 2008).

Assim, Javier del Hoyo (1987, nº 15, p. 118-120) afirma que *Laberia Galla* «parece que podría ser de *Ebora*, donde há ejercido un sacerdocio municipal y cinco libertos le han dedicado una inscripción».

Luís Fernandes (1998-1999, p. 141-142) procurou relacioná-la com as famílias de renome epigraficamente documentadas na época romana. Lola Mirón (María Dolores Mirón Pérez) foi encarregada da secção de História Antiga da enciclopédia biográfica intitulada *Mujeres en la Historia de España* (2000, pp. 58-60). Aí trata de Labéria Gala, como também já o fizera (*passim*) no seu livro de 1986. Começa por apresentar assim a flamínia:

«Esclavista, sacerdotisa. Dama de notable influencia en dos ciudades alejadas de Lusitania vio reflejado su prestigio en ambas y en la capital de provincia con honores públicos y privados, así como con el sacerdocio del culto imperial» (p. 58).

E mais adiante (p. 59):

«[...] Convertida en dama de la élite de Collippo, mantenía vínculos familiares y patrimoniales en Évora, donde contaría con una nutrida clientela. En realidad, su vida transcurriría entre ambas ciudades, sobre las que ejercería su influencia, que se extendería sobre un vasto territorio de Lusitania. De este modo, se hizo merecedora, por méritos propios, de ser elegida como flamínica de la provincia, lo que representaba el máximo honor oficial que podía recibir una mujer en provincias».

Na Internet, há um sítio designado *La Web de las biografías* [consultado a 15-10-2016] e lá está a de Labéria Galla – <http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=laberia-gala> – de que vale a pena recortar o seguinte:

«En cuanto al paso de *Laberia Gala* por *Collippo*, conviene empezar por advertir que se ignora el momento de su vida en que llegó allí, así como las causas que provocaron su desplazamiento. Se ha especulado con la posibilidad de que la sacerdotisa contrajera matrimonio con Sulpicio Claudiano, miembro de una de las familias más importantes de la elite local, aunque otros investigadores de este oscuro período de la historia de la Hispania romana, llevados por el hallazgo en *Collippo* de restos de otros personajes femeninos llamados también *Laberia*, aventuran la idea de que la sacerdotisa fuese originaria de dicha localidad. Lo interesante, en cualquier caso, es que la flamínica residió en *Collippo* mientras mantuvo una nutrida clientela de esclavos libertos en *Ebora*, lo que pone de manifiesto la influencia de *Laberia Gala* en un extenso ámbito que sobrepasa con creces el mero territorio local. De ahí que no resulte extraño que, en cierto período de su vida, fuera elegida

flamínica de toda la provincia lusitana, lo que sin duda la obligó a pasar un cierto tiempo en la capital provincial, *Emerita Augusta* (Mérida). No se han hallado testimonios fehacientes que puedan demostrar esta presencia de *Laberia Gala* en *Emerita*, pero sí abundantes pruebas de que regresó a *Collippo* y permaneció allí hasta el momento de su muerte. El Senado local acordó, tras su fallecimiento, acotar un espacio público para homenajear a su ilustre sacerdotisa con una estatua, y proporcionó también un lugar comunitario para albergar su sepulcro, honor que en la Hispania romana sólo se rendía a personalidades señeras».

Mas já na *Évora Gloriosa* do Pe. Francisco da Fonseca (Roma, 1728, p. 21), se dizia que Sertório «finalmente, por cativar de todo os corações dos eborenses, fundou palácio em Évora para a sua pessoa e se casou com Labéria, donzela eborense de extraordinária beleza e nobilíssimo sangue, porque filha de Firmo Labério e próxima parenta de Labéria Galla, a quem veremos Flamínica de toda a Lusitânia»...

## 5. Conclusão

Ao reler estas passagens, em que uma flaminia para mim inexistente é, assim, elevada aos píncaros da glória, perdoe-se-me se evoco uma passagem da minha vida de epigrafista.

Em Maio de 1989, fui encarregado de ir à ilha Great Abaco, do arquipélago das Baamas, porque, no interior de uma gruta, se descobrira o desenho de uma caravela portuguesa com a cruz de Cristo gravada na vela e, ao lado, a data de 1450 ou 1460. Caso a epígrafe fosse verdadeira, nova página da História se teria de escrever, pois que a data oficial da descoberta da América por Cristóvão Colombo é... 1492! Os Portugueses teriam chegado ali, pelo menos 32 anos antes!... Senti em cima o peso de uma responsabilidade enorme, que felizmente pouco durou, pois a epígrafe era... recente! (EN-CARNAÇÃO 1989).

Assim me sinto agora, perante histórias tão bem engendradas em relação a uma personagem, que, em meu entender, não passou de invenção de André de Resende.

Não tenho, porém, a pretensão de ser peremptório. Os dados aí estão, polémicos, é certo, para que a discussão continue!

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO (Vitorino da Silva), «Inscrições romanas de Leiria e arredores», *Boletim Architectónico e de Archeologia*. 2.ª série. 1, 1876, p. 148-152.
- BARREIROS (Gaspar), *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXVJ começa[n]do na cidade de Badajoz em Castella te á de Milam em Italia; co[m] algu[m]as outras obras cujo catalogo vai scripto com os nomes dos dictos lugares na folha seguinte*, Coimbra, 1561.
- BERNARDES (João Pedro), *A Ocupação Romana na Região de Leiria*, Faro, 2007.
- BRANDÃO (Domingos de Pinho), «Epigrafia romana coliponense», *Conimbriga*, 11, 1972, p. 61-66.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869 e 1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlim.
- DARDAINE (Sylvie), «La formule épigraphique *impensam remisit* et l'évergétisme en Bétique, «Mélanges de la Casa de Velázquez», 16, 1980, p. 39-55.
- DEL HOYO CALLEJA (Javier), *La importancia de la mujer hispanorromana en la Tarraconense y Lusitania a la luz de los documentos epigráficos. Aspectos religiosos y socioeconómicos*, tesis doctoral de la Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1987.
- ENCARNAÇÃO (José d'), *O mistério dos barcos desenhados nas ilhas Baamas*, «O Século», 25 e 26-06-1989, p. 6.
- ENCARNAÇÃO (José d'), *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1998, p. 29-56.
- ENCARNAÇÃO (José d'), «A inscrição e o seu duplo. O caso da flamínica Laberia Galla», in DONATI (Angela) [edit.], *L'Iscrizione e il Suo Doppio*, Fratelli Lega Editori, Faenza, Outubro de 2014, p. 411-428. <http://hdl.handle.net/10316/27644>
- FABIÃO (Carlos), «Quién, cuándo, cómo y por qué se destruyó la conocida inscripción CIL II, 114 / IRCP, falsa A», in BÁDENAS DE LA PEÑA (P.) et alii [edit.], *Per speculum in aenigmate Miradas sobre la Antigüedad* [Homenaje a Ricardo Olmos], Madrid, 2014, p. 588-592.
- FERNANDES (Luís S.), «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugalía*, 19-20, 1998-1999, p. 141-142.
- FERNANDES (Raul Manuel Rosado), introdução, tradução e comentário de *As Antiguidades da Lusitânia*, de André de Resende, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996.
- FONSECA (P.º Francisco da), *Évora Gloriosa*, Roma, 1728.
- HEpOL = *Hispania Epigraphica on line*: <http://eda-bea.es/>
- HÜBNER (Emílio), *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa, 1871.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, José d', 1984, Coimbra. [O número indica o nº da inscrição no catálogo].  
Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>
- MACHADO (Diogo Barbosa), *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, 1741-1758.
- MIRÓN PÉREZ (María Dolores), *Mujeres, religión y poder: El culto imperial en el Occidente Mediterráneo*, Granada, 1986.
- MIRÓN PÉREZ (María Dolores), *Laberia Gala*, in S. TAVERA [coord.] *Mujeres en la Historia de España*, Madrid, 2000, p. 58-60.
- OLEIRO (J. M. Bairrão) e ALARCÃO (Jorge de), «Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)», *Conimbriga*, 8, 1969, p. 1-12.
- RESENDE (André), *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, Lisboa, 3<sup>ª</sup> 1783. [Incluída no volume *Obras Portuguesas*, Colecção «Clássicos Sá da Costa», Lisboa, 1963, p. 1-69]. Não será

despiciendo anotar o que se diz no frontispício dessa 3ª edição, que teve, naturalmente, a mão de Diogo Mendes de Vasconcelos: «3ª edição fielmente copiada da 2ª que se fez em Évora em 1576, a qual foi emendada pelo mesmo autor». Lisboa, Of. de Simão Thaddeo Ferreira, anno 1783. Com licença da Real Mesa Censória.